



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADRIANA NUNES WOLFFENBUTTEL

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-826

Entrevistado: Adriana Nunes Wolffenbuttel

Nascimento: 11/05/1963

Local da entrevista: Mc Donalds Silva Só, Porto Alegre - RS

Entrevistadora: Gracielli Lattuada Alves

Data da entrevista: 06/07/2016

Transcrição: Gracielli Lattuada Alves

Copidesque: Gracielli Lattuada Alves

Pesquisa: Gracielli Lattuada Alves e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos.

Páginas Digitadas: 11

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Trabalho de Conclusão de Curso de Gracielli Lattuada Alves intitulado *Maria Júlia da Rocha: um olhar sobre uma das pioneiras da dança clássica em Porto Alegre* apresentada no Curso de Licenciatura em Dança em agosto de 2016

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Data e local de nascimento; Origem e situação da família; Como se envolveu com a dança; Como foi a formação em dança; Tempo de estudo na Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha; Estrutura da Escola; Modalidades de aulas oferecidas aos alunos; Como eram as aulas de ballet na Escola; Funções desempenhadas na Escola; Relação com Maria Júlia; Relação entre os alunos da Escola; Como funcionavam os espetáculos; Participação no Grupo Majuro; Seleção para integrar o Grupo Majuro; Rotina de ensaios do Grupo; Viagens com o Grupo; Momentos marcantes da Escola; Influência e contribuição da experiência vivida nesta Escola para a formação; Relação atual com a dança; Visão sobre o fim da Escola.

Porto Alegre, 06 de julho de 2016. Entrevista com Adriana Nunes Wolffebuttel, a cargo da pesquisadora Gracielli Lattuada Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.A. - Olá Adriana, muito obrigada por nos conceder esta entrevista. Para iniciar, gostaria que tu falasse um pouco sobre sua família, a origem, situação...

A.N. - Sim, minha mãe era professora, servidora pública estadual e o meu pai também, servidor público estadual do Ministério Público, então ele ia se mudando de cidade em cidade, a cada dois a quatro anos no máximo em uma cidade. Então eu nasci em Erechim, mas morei em Getúlio Vargas, em Vacaria, em Santana do Livramento, em Caxias do Sul e depois vim a Porto Alegre¹. Então em Caxias do Sul que eu já tinha uns seis 6 de idade, 5 a 6, que eu entrei em contato com a dança. Comecei o *ballet* em Caxias do Sul.

G.A. - E quando se envolveu com a dança foi uma opção pessoal?

A.N. - Acredito que a dança seja de família. Não tão longe assim de avós, mas da minha mãe. Então a minha mãe que é natural de Uruguaiana² fez *ballet*. Até ela conta que na época a mãe dela, que seria minha avó, falou para ela: “Olha, não tem muito dinheiro, então ou é *ballet* ou é piano.” E ela ficou com o ballet. E a minha mãe em Uruguaiana foi aluna da Lya Bastian Meyer, que, se não me engano, foi professora da Maria Júlia da Rocha. Bom, quando a gente chegou em Caxias do Sul, eu não sei como foi assim, aí eu entrei na escola da Dora³. E a Dora tinha sido aluna da Maria Júlia. Então eu comecei com 6 anos, 5 ou 6 anos, na escola da Dora. Fiquei, fiz ali acho que uns três anos, porque eu vim para Porto Alegre então 8 oito anos se eu iniciei com 5. E aí quando eu vim pra Porto Alegre a Dora falou para minha mãe: “Leva a Adriana para a minha professora, a Maria Júlia da Rocha.” E assim eu vim para a Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha, que ficava ali na Rua Miguel Tostes, foi assim que eu entrei em contato com ela.

G.A. - E como foi a sua formação em dança?

¹ Municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

² Município do Estado do Rio Grande do Sul.

³ Dora Resende Fabião.

A.N. - Foi bem limitada, porque naquela época era uma coisa assim bem bairrista. Se tu eras de um professor tu não podias ser do outro, então não tinha essa mistura, essa possibilidade da gente experimentar outros mestres, com outra visão, enfim, então tinha uma rivalidade muito grande de escola para escola e de professor para professor. Então a minha formação toda em dança foi da Maria Júlia, a partir dos 8 anos, e antes foi com a Dora em outra cidade. Então dos 8 até, acredito que com uns 16 anos, foi só com a Maria Júlia da Rocha. O único curso assim que eu fiz com outro professor foram com os professores que a Maria Júlia da Rocha trazia para dentro da Escola, então alguns convidados, até eu tenho um material de jornal, então a gente teve um convidado de um professor do Uruguai, e alguns poucos outros professores.

G.A. - Em que ano você começou a frequentar a Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha?

A.N. - Pois é, agora tem que fazer uma conta então. Eu nasci em 1963, mais 8 anos, então em 1971, isto.

G.A. - Por quanto tempo você estudou nesta Escola?

A.N. - Uns oito anos. É dos oito aos 16. Porque depois, aos 16 anos, quando eu comecei a fazer o curso pré-vestibular, aí eu comecei a me sentir desconfortável com o meu desempenho no *ballet*. Porque teve uma época, há bastante tempo, que eu ia seis vezes por semana. Nós íamos assim das duas, a Escola era de manhã, tipo internato quase, e às duas da tarde, uma e meia a gente já estava lá, eu e mais um grupinho de dois ou três e saíamos às oito e meia da noite. Então a aula começava às duas, várias aulas, e acabavam às oito a última aula, até se vestir tudo, então às oito e meia da noite e sábado também, pela parte da tarde, até umas seis horas por aí. Então quando eu comecei por causa do pré-vestibular e tal, quando eu comecei a fazer duas vezes por semana, três, claro que o corpo sentiu, já não tinha o mesmo desempenho de seis vezes e aí eu me senti muito desconfortável. E aí eu fui parando, parando, parei. Então aí eu parei, fiz faculdade, depois que eu acabei a faculdade eu voltei, e nisso tudo a Maria Júlia da Rocha faleceu. Até acredito que eu tenha voltado ainda com ela viva, mas já quem estava no comando era a

nossa colega, a Elisa Machado⁴. Então aí eu voltei, fiz jazz se não me engano com a Elisa. Depois eu saí de novo, depois a Maria Júlia da Rocha tinha falecido, aí quando eu retornei participei do Grupo de Dança Majuro. No grupo Majuro eu engravidei, aí quando a minha menina nasceu eu saí de novo, depois eu retornei [risos], depois quando o meu guri nasceu eu saí de novo, depois retornei e depois assim. Já vai fazer uns dez anos também que eu retornei para o *ballet* e então claro, eu faço duas vezes por semana e então assim a dança continua. Eu brinco assim que a dança entrou na minha vida aos 5 e hoje eu tenho 53 e a dança faz parte da minha vida.

G.A. - E como era a estrutura da Escola?

A.N. - Olha, era uma estrutura bem boa. Dizem que aqui em Porto Alegre era a melhor sala que tinha. Era uma sala que tinha uma diagonal assim quase de um palco vamos dizer, do Teatro Renascença, uma diagonal muito grande. E claro, como a gente era pequena dava para fazer vários, uns vinte e três *grand jetés* [risos]. Hoje eu acho que daria para fazer uns três ou quatro. Mas era uma sala bem bacana. Tinha outra sala na frente, tinha um pequeno refeitóriozinho assim, isso até era pequeno. Mas tinha o vestiário, tinha a secretaria, acredito que tinha uma boa estrutura. Limpinho tudo.

G.A. - Quais modalidades de aulas eram oferecidas aos alunos?

A.N. - Bom, o *ballet* clássico, depois tinha uma coisa bem interessante que era uma ginástica para senhoras, mas uma ginástica dançada. Era bem interessante também, eu também já fiz essa ginástica. Primeiramente era isso. Depois então, com a Elisa, aí começou a ter outras modalidades, como Ucrâniano, o Folclórico Gaúcho, o Jazz, a Dança Espanhola, o Flamenco. Contemporâneo às vezes a Maria Júlia dava nas férias algum curso de Dança Contemporânea. Acredito que eram essas.

G.A. - E fora a dança tinha outras artes?

A.N. - Tinha. Foram épocas assim, mas acredito que o piano sempre esteve presente porque tinham umas duas se não me engano duas ou até três salas que tinham piano, então

⁴ Elisa Freitas Machado.

tinha professora de piano. Tinha piano, depois teve violão. Piano eu nunca fiz, mas violão eu cheguei a fazer. Depois tinha aula de violão, piano e violão. E teve uma época que se não me engano teve também uma escolinha assim para criança, pré-escola de pintura, também chegou a ter.

G.A. - Como eram as aulas de *ballet* na Escola da Maria Júlia da Rocha?

A.N. - Bom, eram aulas bem tradicionais, onde ela se reciclava sempre nas férias de janeiro e fevereiro, que ela ia pra Buenos Aires e ela se reciclava com os cursos do Teatro Colón. Então eram aula normalmente de uma hora, meia hora de barra, um pouquinho menos, meia hora de barra e meia hora de centro. Com pianista na sala, então claro, naquela época não tinha Cd¹, mas tinha gravador com aqueles rolos de fita, mas as aulas eram com pianista. E ela era muito rígida. E eram assim, hoje, as minhas aulas que eu faço hoje com outra professora eu vejo que são bem diferentes. Naquela época começava com *plié*, *plié* na primeira, *plié* na segunda, *plié* na terceira, quarta, quinta e *tendu* então é *tendu*, então eram quatro para cada lado, *degage* era *degage*, não existiam variações assim na composição dos passos, a própria variação na barra. Então era um passo, um passo, o outro, o outro, e assim também no centro, só *piqué*, só *piqué*, só *glissade*, só *glissade*. Hoje eu noto que nas aulas existe sempre uma variação, uma composição de dois ou três passos onde possibilita a gente dançar mais do que apenas ficar treinando sempre aquele mesmo passo. Mas então eram aulas de uma hora, meia hora de barra e meia hora de centro, e eram assim bem completas. Começava pelo *plié*, hoje não se começa pelo *plié*. Mas começava pelo *plié*, não tinha um alongamento nem no início nem no final. Mas tinha assim todos os *degages*, os *ronds*, *rond de jambé*, *battement*, depois no centro *tendu*, *glissade*, *piqués*, os giros, os saltos. Era uma aula completa.

G.A. - E ela variava entre meia ponta e uso de pontas?

A.N. - Era assim, as aulas, conforme ia avançando o horário do início da tarde, às duas da tarde eram as pequenininhas, das duas às três. Às três horas já eram maiorzinhas, das quatro maiorzinhas, então conforme o aluno ia avançando no horário tinha um horário lá, aula das cinco ou aula das seis que aí eram as maiorzinhas. Então a criança ia crescendo

¹ Compact Disc.

em idade e se tinha começado bem pequenininha também em maturidade muscular, e em um determinado momento então ela dizia: “Pode comprar as pontas!” E aí ou se fazia só a barra ou ela obrigava: “Não, não pode tirar!” Então tinha a aula das pontas.

G.A. - Quais funções você desempenhou na Escola?

A.N. - Como aluna, depois eu cheguei a ser assim monitora, então nessa aula das duas horas onde as crianças eram bem pequenas, com 5 e 6 anos, e eu já tinha uns 10 ou 11 anos, então eu auxiliava. Centro, fazer fila lá atrás na diagonal eu auxiliava. Então eu fui monitora, e naquela época não se falava isso, primeira bailarina, isso e aquilo, mas nos espetáculos quando se montavam as apresentações de final do ano. Era uma apresentação por ano, e a gente chamava final do ano, mas às vezes acontecia em agosto ou setembro, outubro, e era histórias, primeiro ato principalmente. Então em vários desses programas eu desempenhei vamos dizer o papel principal, então solista, coisas assim.

G.A. - Como era sua relação com a “Tia Maria”?

A.N. - A gente chamava de dona Maria, porque tinha outra Maria, a Maria Macedo⁶, que a gente chamava de Tia Maria. Então para nós era dona Maria. Nunca foi assim muito próxima, porque ela era uma figura assim de respeito e naquela época, bem diferente de hoje, embora hoje em dia assim, há dois anos, um ano atrás, eu fiz uma aula aqui em Porto Alegre com uma professora que não se reciclou. Continuava com aquelas coisas de gritar e de ofender. Hoje a gente sabe que isso aí é um assédio, é um assédio moral de humilhar o aluno na frente dos outros. Bom, mas então naquela época era assim, professor bom era aquele que gritava que era exigente e que até humilhava às vezes: “Ah, tu nunca vai conseguir fazer isso, tu está errado, tu é burro...” Isso tinha também. Então sempre foi uma relação assim, nunca foi próxima, de respeito, mas a gente notava que ela tinha um carinho assim pelos alunos, quando estava com dor de garganta, enfim, ela também não era distante, embora não fosse próxima [riso], mas tinha aquela autoridade assim que tu não tinhas uma intimidade maior. Mas ela cativava, tanto é que a gente ia sempre.

G.A. - E ela costumava gritar e xingar nas aulas?

⁶ Maria Macedo.

A.N. - Sim, sempre. Então quando a gente chegava assim para uma aula e que, por exemplo, eu estava lá mais cedo, então entre uma aula e outra a gente saía para tomar água então aqueles colegas, as colegas, porque sempre foi uma escola só de feminino, bailarinas femininas, alunas mulheres. Depois teve uma época mais avançada assim, acho que mais quando a Elisa já estava na faculdade de teatro que começaram a ter um ou dois guris, então a gente nunca teve essa experiência do *pas de deux*. Bom, então quando as gurias chegavam eu estava lá tomando água, arrumando o coque, essas coisas e elas: “Ai como é que ela está hoje?” Então os que chegavam já tinham que estar meio preparados se estava de bom humor, se estava boazinha ou se estava mal, então isso era normal. Os gritos, e assim, quando ela estava atacada essa coisa de jogar... Tinha uns pauzinhos que eram para marcar assim, fazer a marcação do compasso, ela trazia. Tinha dois pauzinhos, como se fossem uns *rachis* só que mais grossinhos, onde ela batia. Ou se não também tinha uma bengalinha que ela marcava no chão, às vezes danças com pandeiro. Bom, aquelas coisas às vezes voavam sabe, que ela ficava furiosa e jogava aquele negócio [risos]. Ai que coisa assim terrível. Hoje em dia a gente acha assim terrível, mas eu digo que aqui em Porto Alegre ainda tem gente assim. Que barbaridade! [riso].

G.A. E como era a relação entre os alunos da Escola?

A.N. Olha, eu acredito que eram bons assim, era uma boa relação. Tinha alguns grupos, uns colegas tinham mais afinidade, moravam mais perto e entre eles iam juntos, voltavam juntos, mas não tinham brigas assim, às vezes essas coisas de gurizada, fofocalhada, mas não existia briga. O que uma vez aconteceu, isso eu me lembro, que tinha uma moça, a Adélia¹, que limpava. E uma vez começou a desaparecer do vestiário, nem era dinheiro, era até roupa, um tênis bom, um casaco, e a Maria Júlia disse: “Olha, a Adélia está vigiando. Cuidado, não vão pegar nada que não é de vocês. Vocês olhem bem porque a Adélia está espiando.” Então isso aconteceu uma vez. Mas internamente ali era um bom ambiente, os pais se sentiam seguros: “Se meu filho está lá, está bem. Não está se drogando.” [risos].

G.A. - Como funcionavam os espetáculos?

A.N. - Bom, os espetáculos acredito assim que mais a partir de julho a Maria Júlia começava a pesquisar, não tinha Internet naquela época, em livros, principalmente em livros, livros de história, uma história. Então ela fez assim dos Irmãos Grimm², várias histórias. E ali eu me lembro que ela pesquisava inclusive os figurinos, como fazer, tem essa aba aqui, esse babado aqui, o chapéu, enfim. Bom, e aí sim, então primeiro ela montava mentalmente primeiro a história do infantil, depois o clássico normalmente não tinha uma história, vamos dançar Chopin³, vamos dançar Bach⁴. Era mais do autor, da musicalidade. E depois o contemporâneo também, era um motivo, aí não era uma história, era um motivo, então teve o motivo que eu me lembro do Bezerra de Ouro, que é uma parte bíblica. Depois teve outro ano que foi sobre o Zodíaco, então foram danças de todos os signos. Bom, então assim, mentalmente ela elegia, escolhia e elaborava. Depois, a partir então de julho, já pegando um pouco das férias de julho, que os alunos estavam de férias no colégio, então podiam vir também pela parte da manhã. Aí ela coreografava. Na parte da coreografia ela normalmente não fazia em sala de aula. Na nossa turma às vezes fazia, que era a turma maior nessa época, que era uma aula que começava às dezoito horas e ia até às vinte horas, a única aula que eram de duas horas, as outras eram todas de uma hora. Então nessa turma ela ainda coreografava com o grupo, se não ela normalmente coreografava em outro horário, ou até mesmo sábado de manhã com a Elisa, não é, ou conosco assim, que era eu, claro, a Elisa, mais a irmã da Elisa, a Neca⁵, coisa assim, a Márcia⁶ também, e depois ia passando, ia ensinando para o grande grupo de cada classe, a aula das duas que eram as pequeninhas. Bom, e uma vez coreografado aí começavam a treinar até a data do espetáculo. E aí também tinha a questão dos figurinos que ela desenhava. A irmã da Maria Júlia, a Ângela⁷, ela era costureira, então ela costurava os figurinos. A minha mãe também ajudava, ela também costurava. E depois tinham os ensaios gerais e depois também o ensaio no teatro, até o dia da apresentação. Mas era sempre uma apresentação. Uma, acredito que uma vez só teve duas apresentações seguidas assim, porque era tudo muito caro. Não tinha financiamento, nada. Então era todo um trabalho assim para um dia.

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Jacob e Wilhelm Grimm.

³ Frédéric François Chopin

³ Johann Sebastian Bach.

⁵ Maria Lúcia Paz de Freitas Machado.

⁶ Márcia Elena Paz de Freitas Machado.

⁷ Ângela Cabral Casa Nova.

G.A. - Você participou do Grupo da Dança Majuro?

A.N. - Participei por pouco tempo, acredito que tenha sido uns dois ou no máximo três anos. Eu participei da montagem do Nápoles, que foi um *ballet* italiano, já com a Elisa. Então eu participei do Grupo Majuro em um *ballet*, desse O Nápoles, que depois teve uma apresentação que eu acho que foi na UFRGS¹, no teatro ali da Reitoria. Até quando eu dancei o Nápoles eu já estava grávida, aí depois eu saí e depois a Elisa finalizou a Escola, finalizou o grupo enfim.

G.A. - Mas nessa época a Elisa já estava no comando do Grupo?

A.N. - Sim, foi sob comando dela.

G.A. - Como era a seleção para integrar o Grupo Majuro?

A.N. - Olha, eu não participei dessa parte. Muito antigamente, quando não existia o Grupo Majuro nós idealizávamos um grupo de dança. Então eu me lembro que a gente escrevia: “Vamos fazer. Quais são os critérios? Se faltar, uma semana tem três ensaios, se faltar em dois, bom, aí não pode.” Porque trabalhar em conjunto é muito difícil, começa a faltar e prejudica todo o grupo. Então eu não sei como é que foram essas seleções, mas acredito que eram aquelas pessoas que faziam parte da Escola e que iam com essa assiduidade diária quase. E eu quando retornei aí a Elisa me convidou. Quando eu retornei de novo, como eu tinha parado durante a faculdade, depois retornei. Então quando eu retornei ela me perguntou se eu tinha disponibilidade de vir quase todos os dias e mais sábado principalmente. Que estavam montando, idealizando montar um ballet e se eu queria fazer parte. E eu disse que sim, então foi dessa maneira.

G.A. - Como era a rotina de ensaios do Grupo Majuro?

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A.N. - Nesse pouco tempo que eu participei eram sempre à tardinha para a noite, então a partir das dezoito horas ou dezoito e trinta, até, eu não me recordo se até vinte horas ou vinte e uma horas. E depois aos sábados e domingos também.

G.A. - Você participou de alguma viagem com o Grupo Majuro?

A.N. - Não. Não, só vi agora as fotos que foram resgatadas no *Facebook*. Não, nessa época eu não estava no Majuro, então como eu só me apresentei no Nápoles e foi aqui em Porto Alegre então eu não participei de viagens.

G.A. - Quais os momentos ou espetáculos mais marcantes dessa Escola para você?

A.N. - Olha, todos assim quando eu consigo me lembrar eram momentos bem marcantes. Os ensaios gerais eram um estresse, ela gritava, era uma gritaria, e a gente ficava super tenso organizando as crianças, entra agora, sai agora, ela gritava, gritava. Mas no dia, na noite, porque às vezes a gente ensaiava de tarde ou até mesmo de manhã e o espetáculo era de noite, porque às vezes o teatro só era liberado durante aquele dia. E na noite, normalmente ela não gritava, mas dizem que às vezes as pessoas na plateia ouviam os gritos dela lá de dentro [riso]. Dizem, mas eu não me lembro disso. Mas eu me lembro de muitas cenas assim que ficaram marcadas, na hora de entrar então as luzes, os figurinos, no palco aquela coisa de dar um branco, mas depois quando começava a música aí... Então os colegas de dança durante a dança, foram bem marcantes mesmo.

G.A. - Como você acha que a experiência vivida nessa Escola influenciou a sua formação?

A.N. - Olha, eu acho que quase em tudo. A questão da disciplina, disciplina horário, disciplina principalmente na postura. Não só na postura física, mas de saber se colocar no espaço. Então eu acho que assim, a dança, como eu só fiz nessa escola eu não posso fazer uma comparação de como marcou em outra escola, só posso falar eu de dança, e pra mim dança foi nessa Escola. Então eu observo assim que quem teve quem tem essa formação desde pequeno tem um posicionamento no espaço que é distinto de outras pessoas que não tiveram essa experiência em dança. Para mim esse é o principal. O outro é a atenção que a gente passa a ter como quase uma educação com a questão do físico, do corpo físico. É que

nem quem teve uma educação alimentar e quem não teve. Então a gente sabe que é necessário comer tal coisa e tal coisa, e a mesma coisa com a minha experiência em dança. Eu sei que eu necessito para manter o meu corpo físico estar fazendo exercício físico, e no meu caso tem que ser a dança porque depois eu já passei por ginástica normal, até por academia, por Tai Chi Chuang, fiz também uma parte de contemporâneo, cheguei a fazer. Mas a dança clássica é o que me move assim, é o que me motiva porque toca muito no meu emocional. Então eu noto que eu continuo fazendo exercício, movimentando meu corpo, mas dentro do *ballet*.

G.A. - Bom qual a sua relação atual com a dança então...

A.N. - É que eu continuo. Até eu sou bem matona, mas eu gosto. Eu até brinco com a minha atual professora, digo assim: “Eu venho para a aula para ouvir música, respirar e fazer pose.” [riso]. Porque principalmente a sustentação das pernas *en avant, en arrière* eu não consigo muito. Mas também eu fico pensando que tem a questão da própria musculatura da idade, mas também porque eu vou duas vezes por semana, aí quando eu mato uma aula eu só vou uma vez por semana [risos]. Se eu fosse todos os dias iria conseguir fazer essa sustentação. Mas então eu continuo, e eu acredito que eu vá continuar para sempre assim, porque a gente vê hoje em dia as pessoas com oitenta anos fazendo dança, então ao invés de fazer outra ginástica, outro exercício faz a dança, que une além do emocional o físico também, a questão da musicalidade que é bem importante.

G.A. - E como tu enxergas o fim da Escola?

A.N. - É, assim, eu bem quando finalizou, eu estava afastada, porque eu tive a minha filha, então aí eu comecei a ir menos, aí bom, parei uns dois ou três anos. Então eu convivi depois com vários lados, eu ia dizer dois lados, mas tem vários lados. Bom, para a Elisa me pareceu que foi um pouco uma liberdade, porque desde muito cedo, desde os 14 anos ela já assumiu assim uma turma, e ela era a sucessora. Como a Maria Júlia só teve um filho homem, então a sucessora da Escola era a Elisa, foi tipo predestinada, ela não teria, me pareceu, não teria uma escolha. Então depois que a Maria Júlia faleceu e também eu não sei como estavam as questões das contas para pagar, a parte financeira da Escola. Quando ela acabou com tudo assim, me pareceu que foi uma liberdade para ela. Porque depois ela

retornou com aulas de dança em outro espaço, mas também com muito mais liberdade, saiu daquela caixa que tinha a turma tal, *plié*... Agora ela conseguiu me pareceu que ela buscava também essa coisa de poder respirar em outros ares. Mas a gente sabe que cada um faz da melhor maneira possível, foi como ela conseguiu. De repente ela não conseguiria, porque como ela estava muito presa nessa estrutura desde muito criança, talvez lentamente ela nunca conseguisse fazer essa ruptura, então foi como ela conseguiu. Então não tem um certo e um errado, culpado ou não, eu sei que foi abrupto, mas eu acredito que tenha sido como foi possível fazer.

G.A. - Teria mais alguma coisa que tu gostarias de acrescentar?

A.N. – Não sei, vamos ver. O que eu sinto falta assim, e naquela época já tinha, é de um espaço de interação. Naquela época tinha a AGADAN, Associação Gaúcha de Dança, onde foi uma associação que os professores criaram para que os alunos das escolas pudessem experimentar os outros, mas nunca teve uma harmonia entre as várias escolas. Tanto é que não vingou assim muito, pelo menos ali o grupo da Maria Júlia. Então acredito assim, que em Porto Alegre falta um espaço mais oficial de dança, porque embora seja mais livre. Ainda tem na questão das escolas assim, se tu és da escola tal, a outra é da escola tal, então eu sinto falta ainda para Porto Alegre de um espaço de dança aonde vários professores vão ali, vão dar curso e o aluno tem essa liberdade de ir lá, fazer aula aqui, fazer aula com um, com outro, então estão sem um espaço municipal, claro, também, um *ballet* de Porto Alegre, audições em Porto Alegre. Mas parabéns pelo trabalho.

G.A. – Obrigada! Adriana, então em meu nome e do Centro de Memória do Esporte eu gostaria de agradecer a tua disponibilidade da entrevista e vamos mantendo contato.

[FINAL DA ENTREVISTA]